

O Aleph da política

The Aleph of Politics

Leandro Karnal*

Resenha

Maria Lígia Coelho Prado. *América Latina no século XIX - Tramas, Telas e textos*. São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração - Editora da Universidade de São Paulo, 1999. 228 p.

Na imaginação borgeana, o Aleph é o ponto no qual podemos contemplar todas as coisas ao mesmo tempo, sem que uma confunda ou ofusque a outra.

Não há nada mais "aléptico" do que um livro originado da livre-docência de um pesquisador. Escrita em geral sob premissas mais tranquilas do que o doutorado, a livre-docência pode representar um ponto de sincronia e diacronia do autor sobre sua área e sua obra. Espécie de Nona Sinfonia de Beethoven, raramente encontramos obras mais acabadas após a livre-docência.

No caso do livro de Maria Lígia Coelho Prado, o sentido "aléptico" é maior. Trata-se de uma renomada pesquisadora do tema América Latina, tema que, juntamente com História Antiga e Medieval, sempre teve poucas atenções editoriais e raríssimos focos de excelência pedagógica nas universidades do Brasil.

Como o cometa Halley, uma obra sobre América Latina no Brasil tem sobre si a curiosidade do espaçamento das aparições. Este livro, em particular, ainda traz uma luz mais original: escolhe a política como perspectiva de análise.

* Prof. doutor de História da América da UNICAMP. E-mail: karnal@uol.com.br

Criticada por marxistas e pouco tratada pela Nova História Francesa, a política é o olho mágico através do qual a autora decidiu ver o mundo.

Há uma linha de coerência na produção intelectual de Maria Ligia Coelho Prado a este respeito. Suas pesquisas sobre o Partido Democrático em São Paulo, seu texto clássico sobre o jornal *O Estado de São Paulo* e suas ideologias, sua análise sobre o populismo na América Latina e o Peronismo, em particular, mostram uma constância pouco comum.

Esta constância também existe na obra em questão. O primeiro capítulo do livro traz um relato da participação feminina no processo de independência da América Latina. Não se trata de um relato de gênero tão em voga, mas uma justiça de memória; afinal, o Aleph deve englobar também o universo feminino. As mulheres voltam no capítulo 5 como leitoras de novelas do período joanino brasileiro. Um dos méritos deste capítulo é evidenciar a organicidade da pesquisa, pois o estudo das novelas da Imprensa Régia destruiu as idéias originais que a autora tinha sobre a época de D. João. Mulheres diversas, inclusive fora do padrão moral vigente, desfilam numa galeria tão surpreendente para o início do século 19.

Os capítulos 2, 3 e 4 tratam dos intelectuais e políticos da América do século 19 e dos debates em torno das universidades na América Hispânica. As universidades foram atacadas muitas vezes pelos liberais como instituições coloniais e ligadas à Igreja Católica. É curioso supor que, no momento em que os chilenos estavam debatendo se mantinham ou não a tradicional Universidade de São Filipe, o Brasil ainda estava a um século de criar a sua primeira universidade!

Um dos momentos altos do livro é a republicação do texto "Para ler o Facundo de Sarmiento". É sempre difícil estabelecer uma apreciação sobre a obra de Domingo Sarmiento sobre o caudilho Facundo Quiroga da Argentina. Algumas vezes um autor é tão importante numa cultura que dele só podemos fazer uma fortuna crítica e definir a posição dos ideólogos a partir daquele referencial. Isso poderia ser feito com nosso "Casa Grande e Senzala" ou com "Os Sertões" e pode, sem dúvida, ser feito com os críticos e entusiastas do "Facundo".

O autor, o intelectual-presidente Domingo Faustino Sarmiento, expôs de forma muito feliz uma postura que seria tão freqüente nos intelectuais argentinos e brasileiros: há uma civilização que se identifica com o litoral, com o cosmopolitismo, com as idéias européias e com Buenos Aires. Em oposição, há uma barbárie que se identifica com o interior, com o atraso, com o mundo indígena e com os Pampas. A esperança da nação é incentivar a primeira em detrimento da segunda, quicá eliminando a barbárie literalmente. Não é sem sentido que um intelectual do brilho de Borges expressa seu lamento diante do Facundo ser uma referência cultural maior do que o Martin Fierro, já que este último é o louvor ao gaúcho do pampa.

Também é importante notar que Sarmiento tornou-se um dos padroeiros da educação argentina, educação que, exatamente, buscou como modelo a Europa, dando à elite da América o eterno sentido de exílio cultural e seus "500 anos de solidão"...

A identidade cultural e nacional retorna no capítulo 7 sobre a pintura nas Américas. O capítulo refaz um debate central na ciência do 18 e do 19: se a natureza deste continente era melhor ou pior do que a natureza da Europa. Talvez o pior seja imaginar que este debate envolveu as melhores cabeças européias e americanas por séculos, desde um Buffon que afirmava que a umidade ajudava a degenerar os animais, pois não havia aqui leões e a lhama era apenas um camelo mirrado, até um Humboldt que procurava demonstrar o contrário. O nacionalismo dos jovens países americanos levaria a exaltação de Humboldt ao paroxismo e tentaria transpor para telas românticas os encantos desta Natureza do Novo Mundo. Muitos pintores nas Américas ou estrangeiros tentariam captar a exuberância da natureza do Novo Mundo como uma resposta aos buffonianos dentro e fora das Américas.

Um olhar hermenêutico revela a inexistência de choques profundos (sejam estéticos, técnicos ou outros) entre as telas dos pintores românticos das Américas e os viajantes europeus, porque o olhar de ambas partes do mesmo pressuposto. Aliás, o universo que produziu o Partenon e uma floresta da América como temas pictóricos cabe no mesmo princípio de representação. A distinção Natureza-Cultura, historicamente constituída, é trabalhada nas Américas a partir de um debate europeu. A autora nota que a natureza é criada e recriada por discursos, não se apresenta da forma objetiva como seus pintores e poetas dizem retratá-la.

Assim, a abundância da natureza dos EUA servia para justificar o amor divino a este espaço nacional, e a predileção de Deus embasava a justificativa expansionista. Da mesma forma a leitura poderia ser negativa, como a feita no "Facundo", na qual o problema da Argentina também está ligado à imensidão exagerada do campo que isola cidades como oásis em meio a vastidões anecumênicas. A vastidão atrapalha tudo e, "não havendo sociedade reunida, qualquer tipo de governo é impossível e a *res publica* desaparece. Dos solitários pampas argentinos, nasceu o despotismo". (p. 214) Voltando a uma idéia de Bronislaw Backzo que paira sobre o livro como o fantasma do pai de Hamlet: "As soluções políticas de uma sociedade estão ligadas a um espectro de possibilidades dadas por sua história; nelas cabem as questões materiais, mas também o repertório de idéias, imagens e símbolos de uma sociedade". (p. 216) Este é o Aleph conceitual de Maria Ligia Coelho Prado.

Resenha recebida para publicação em julho de 2000